

Rosane Haron

Sua primeira formação é como publicitária... O que a levou a seguir a carreira de lighting designer?

Minha formação inicial foi em Publicidade e Propaganda pela FAAP, mas, em seguida, percebi que meu grande interesse era por arquitetura. Cursei, então, a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Mackenzie e foi como arquiteta que tive “olhos” para o lighting design. A leitura da arquitetura através da percepção de seus contornos e das sutilezas de seus volumes que só se descortinam com a incisão da luz, seja ela natural ou artificial.

Quanto da formação de publicitária você consegue utilizar na sua atual atividade?

A publicidade, assim como a arquitetura e o lighting design, está presente na vida cotidiana das pessoas de maneira perceptível ou dissimulada. São atividades que exercem sobre nós uma ação psicológica. Sensações como acolhimento, conforto e introspecção ou, por outro lado, a percepção de grandiosidade ou monumentalismo são leituras apresentadas pelo arquiteto de iluminação, enfatizando ou adequando, quando for o caso, à obra arquitetônica.

Que tipo de formação e de informação buscou para se especializar em lighting design?

A minha formação e experiência como arquiteta foram fundamentais para o meu desenvolvimento em relação à especialização como lighting designer. Ainda como estagiária, trabalhei por quatro anos com o arquiteto Roberto Loeb no desenvolvimento de projetos de arquitetura e de interiores e logo que



Há 20 anos na área de iluminação, lighting designer credita sucesso à vivência no ramo

Entrevista concedida a Rodrigo Casarin

me formei fui convidada a trabalhar no escritório dos arquitetos Affonso Risi e Leo Tomchinsky, onde fiquei por mais quatro anos. Em 1989 fui convidada pela arquiteta Esther Stiller, então diretora da Lumini, para ocupar o cargo de gerente de projetos da empresa, e trabalhei ao lado dela por quase dez anos. Após esse período, de rica vivência profissional, abri a Espaço Luz em 1999.

Qual o momento ideal para um profissional ter o seu próprio escritório?

Para se ter o próprio escritório é preciso vivência na profissão. É importante ter “escola”. Não me refiro aos bancos universitários, mas compartilhar experiências com profissionais que já trilham um caminho na área que se deseja atuar. É

um percurso de um desejável amadurecimento profissional.

Qual a etapa mais importante de um projeto luminotécnico? Por quê?

Para o bom desenvolvimento de um projeto de iluminação é necessário, antes de mais nada, a correta interpretação da arquitetura pretendida. A compreensão geral de suas propostas e intenções; de seus cheios e vazios; de suas cores e acabamentos; de sua escala em relação ao usuário final e, em alguns casos, sua relação com o entorno urbano.

Como membro profissional da Asbai, você exerce alguma função na entidade?

Sou membro profissional da Asbai desde 2003. Fui diretora administrativa suplente no biênio 2006-2007. Atualmente, faço parte do conselho fiscal da associação.

Ao longo de seus vinte anos de trabalho profissional em iluminação, quais obras destacaria?

Nos últimos dez anos, como titular da Espaço Luz, destaco os seguintes projetos, alguns desenvolvidos com a colaboração do arquiteto Altimar Cypriano: Centro Cultural Banco do Brasil; sede administrativa da Serasa e do Grupo Votorantim; SESC 24 de Maio; sede social do Clube Athletico Paulistano; Laboratórios Fleury; centro administrativo e agências Personalité do Banco Itaú; Bistrô Charlô; lojas Ponto Frio; restaurantes Rubayat; Instituto Criar de Cinema e Televisão; lojas Casa do Artista; OHL Brasil e aposentos para o Papa Bento XVI no Mosteiro de São Bento; todos esses na cidade de São Paulo – e o Centro Cultural de Araras, em Araras (SP), [capa da edição 35 da Lume Arquitetura]. ◀